

O VENERÁVEL PADRE FREI CASIMIRO WYSZYNSKI: AQUELE QUE IMPLANTOU OS MARIANOS EM PORTUGAL

Basileu dos Anjos Pires, MIC

Introdução

Frei Casimiro, escrevendo ao seu irmão, Pe. Valeriano, escolápio, diz:

“Difundindo o culto do Servo de Deus, honramos mais a Mãe Santíssima. Foi ele quem, ardentemente empenhado pela glória da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, e por causa deste mistério e também para socorrer as almas dos mortos, fundou a nossa Congregação.

E eu, tendo iniciado esta causa, provavelmente serei enviado para Portugal a fim de lá estabelecer a nossa Ordem. O rei de Portugal escreveu para a Polónia pedindo que lhe enviássemos religiosos. Penso que serei enviado com outros. Deixo, portanto, nas mãos de Vossa Senhoria a causa do nosso Fundador. Eu, qual outro Saulo, estou nesta Congregação, que foi atacada pelos nossos, mais concretamente pelo nosso irmão José, enquanto Nossa Senhora não me disse: “Francisco, porque me persegues?” Não ousando reagir contra o aguilhão, tive de aceitar o hábito em Roma. E agora, para que possa levar por diante a Ordem da Mãe Santíssima, eu, seu indigno servo, tenho de me dispor a enfrentar tão longa viagem”¹.

Nesta passagem do seu *Diário* – complementada pela frase referida pelos seus biógrafos: “Eis-me aqui, eu quero reparar o que o meu irmão destruiu”, ao pedir o hábito dos Marianos² - Frei Casimiro revela-nos, à luz da vocação/conversão de S. Paulo, o mistério da sua vocação e da sua missão dentro da Congregação dos Marianos. Apresenta um paralelismo quase perfeito entre ele e S. Paulo. Há apenas uma diferença: em Paulo é Cristo que o interpela; no seu caso, é Nossa Senhora. Paulo persegue os cristãos, mas é Cristo quem se queixa: “Saulo, Saulo, porque me persegues?”. Do mesmo modo, Frei Casimiro, na pessoa de seu irmão, persegue a Ordem da Imaculada, mas é Nossa Senhora quem se queixa: “Francisco, porque me persegues?” Jesus identifica-se com os cristãos. Perseguir os cristãos é perseguir Cristo. Nossa Senhora, na vocação de Frei Casimiro, identifica-se com os Marianos. Perseguir os Marianos é perseguir Nossa Senhora. Esta é a sua Ordem, “a Ordem da Mãe Santíssima”, como afirma Frei Casimiro. O Venerável Servo de Deus fala várias vezes desta pertença e identidade de Maria com a Ordem dos Marianos. Ao Bispo de Vilna, diz: “Queira, ilustríssimo Senhor e benfeitor, ser o protector da nossa Ordem,

¹ FREI CASIMIRO WYSZYNSKI, *Diário das actividades em Roma e em Portugal*, in *Guardião da herança espiritual dos Marianos. Selecção de escritos do Frei Casimiro* (Cuidou P. Segismundo Proczek, MIC), Congregação dos Padres Marianos, CURITIBA 2005, 349-350. Citarei: *Diário, o.c.*, seguida do número da página.

² MIGUEL WYSZYNSKI, *Origem do Pe. Casimiro Wyszynski da Congregação dos Marianos da Imaculada Conceição da Beatíssima Virgem Maria*, 1757 (Manuscrito Original no Arquivo da Arquidiocese de Poznan – APZ/7), p. 4; Cf *Positio* sobre a causa de *beatificação e canonização do Servo de Deus CASIMIRO DE S. JOSÉ WYSZYNSKI*, Roma 1986, 377. (Citarei *Positio*, seguido do número da página). P. ALEIXO FISCHER, *Protocollum Balsamanense* 1758, 92.

que não é tanto nossa quanto de nossa Senhora”³. Ao mesmo Bispo, diz: “A sua Ordem [a da Imaculada], para testemunhar a Sua inocência, deve usar hábito branco”⁴. A respeito da missão em Portugal, escreve ao Superior Geral: “Porquanto não se trata de nós, mas da propagação da glória da Maria Imaculada, através da promoção da Sua Ordem”⁵. Ao Pe. Budrioli, Jesuíta diz-lhe: “Provavelmente serei enviado para Portugal com o objectivo de transplantar a Ordem da Santíssima Virgem”⁶.

Esta confissão de Frei Casimiro, lendo a sua vocação/conversão à luz da vocação/conversão de S. Paulo, dá-nos a chave para compreender quem ele foi na Congregação dos Marianos e qual foi a sua paixão missionária. Assim como Paulo, depois do encontro com Cristo a caminho de Damasco, se tornou um apóstolo apaixonado de Cristo e o levou até aos confins da terra, assim também Frei Casimiro, tendo-se encontrado com a Imaculada Conceição – através de um membro da Sua Ordem, que lhe contou a história da perseguição da mesma –, se tornou um apóstolo apaixonado da Imaculada Conceição, levando-a até aos confins da terra (Portugal), pela difusão da sua Ordem.

A implantação dos Marianos em Portugal deve-se a esta paixão missionária de Frei Casimiro.

Se ao Pe. Segismundo Proczek lhe foi pedido que nos falasse sobre o Frei Casimiro como reformador ou revitalizador dos Marianos, penso que me é pedido a mim que vos fale sobre a paixão missionária do Venerável Frei Casimiro, que concretizou particularmente na missão de implantar a Ordem da Imaculada Conceição em Portugal, nos confins da terra⁷.

Poderia falar-vos, em primeiro lugar, da paixão missionária manifestada por Frei Casimiro ao saber, em Roma, da convocação dos Marianos para Portugal, seja pelas expressões que ele usa ao falar dela, seja pela pressão constante que exerce sobre o Superior Geral para que, quanto antes, se responda a este convite, seja sobretudo pela prontidão de se oferecer ele mesmo para esta missão. Mas não temos tempo. Também gostaria de referir os perigos por que tiveram que passar durante a viagem de Roma para Lisboa e a fortaleza cristã com que Frei Casimiro os enfrentou, mas também não temos tempo para isso.

Assim sendo, vou falar-vos, num primeiro momento, sobre as dificuldades (os sofrimentos, as tribulações) suportadas por Frei Casimiro em Lisboa, a prova de fogo da missão de Frei Casimiro. Em segundo lugar, falarei sobre o sucesso que foi a implantação dos Marianos em Portugal, mais concretamente, em Balsamão. Finalmente, apresentarei os desafios que nos lança a celebração do Dia de Frei Casimiro, hoje, em Portugal.

Para este trabalho muito me ajudou a publicação do *Diário das actividades em Roma e Portugal*, de Frei Casimiro, feita pelo Pe. Segismundo Proczek, MIC, no seu livro *Guardião da herança espiritual dos Marianos*, que agradeço de todo o coração. Agradeço também, à Província brasileira, a tradução desta obra.

³ *Diário, o. c.*, 337.

⁴ *Ibid.*, 338.

⁵ *Ibid.*, 341.

⁶ *Ibid.*, 344.

⁷ Portugal fica nos confins da terra (perto do cabo Finisterra). Frei Casimiro, escrevendo, de Lisboa, ao Superior Geral, a 3 de Agosto de 1753, diz que escreve “dos confins da terra” (*Diário, o. c.*, 445).

1. Lisboa: a prova de fogo na missão de Frei Casimiro

A convocação dos Marianos para Portugal foi uma feliz notícia que muito alegrou e consolou Frei Casimiro, porquanto ela chegou num momento de grande tribulação devido a um forte ataque dos defensores da causa dos pseudomarianos do Pe. Turczynowicz. Escreve ele, no seu *Diário*, a 11 de Março de 1752: “Sábado de divina alegria, consolo depois de tantas provações. De Espanha veio uma carta do Superior geral para o comissário geral em Roma. Nesta carta, o Superior Geral escreve para informar, quanto antes, os nossos na Polónia que é preciso enviar para Portugal dois religiosos, porquanto o rei de Portugal quer estabelecer no seu reino a nossa Ordem”⁸.

Esta foi a feliz notícia que entusiasmou Frei Casimiro: “O rei de Portugal quer estabelecer no seu Reino a nossa Ordem”

Já pronto para partir para Portugal, com o seu companheiro, Frei. Benão Bujalski, eis que chega a Roma o Superior Geral dos Franciscanos, Pe. Pedro João de Molina. Frei Casimiro quis saber dele por que motivos os Marianos estavam a ser chamados para Portugal. “Disse-me, escreve Frei Casimiro no seu *Diário*, que o chamamento chegou a ele através do embaixador de Espanha que naquela altura residia em Lisboa e que agora já foi transferido para Madrid. E isso foi a pedido da Senhora Marquesa de Cascais que é fundadora dum lugar e que aí quer implantar a nossa Ordem. A meu pedido, o Padre Ministro Geral, escreveu uma carta para Lisboa a dizer que já estamos em Roma, mas até agora não recebeu nenhuma resposta.

“Por isso, continua Frei Casimiro, começou a convencer-me a que eu desistisse deste empreendimento, dizendo-me que seria melhor voltar à Polónia e esperar por uma outra convocação. Eu, no entanto, disse que de modo algum isso podia acontecer, para nossa vergonha diante de todo o mundo. Por todo o lado se diz que os marianos foram enviados da Polónia. Vindo pela Alemanha e pela Itália, por toda a parte proclamaram isso. Também em Roma se sabe disso e seria uma grande vergonha se agora voltássemos à Polónia”⁹.

Embora, com dúvidas acerca do êxito da missão dos Marianos, o Superior Geral Franciscano autorizou por escrito, pela assim chamada “obediência”, Frei Casimiro e seu companheiro, a ir para Portugal¹⁰, dando-lhe também cartas de recomendação seja para o Duque de Sotomayor (embaixador de Espanha) seja para à Senhora Marquesa de Cascais¹¹.

Os nossos missionários saíram de Roma a 14 de Maio de 1753¹² e chegaram a Lisboa a 10 de Outubro do mesmo ano¹³. Ao chegarem a Lisboa, foram acolhidos em casa do Pe. António de Sousa Salazar, de quem já Frei Casimiro tinha recebido uma carta, ainda em Roma, no dia 16 de Fevereiro de 1753, que transcrevo na íntegra, por dar informações importantes para compreender o porquê do convite dos Marianos para Portugal:

“Recebi uma carta muito simpática do Superior Geral, Frei Caetano Wetycki, escrita para o Reverendíssimo Padre Geral da Ordem de S. Francisco em Madrid e que,

⁸ *Diário, o. c.*, 268.

⁹ *Ibid.*, 411.

¹⁰ Cf *Ibid.*, 412-413

¹¹ Cf *Ibid.*, 416-417.

¹² Cf *Ibid.*, 419.

¹³ Cf *Prot. Bals.* 10.

através dele, chegou até às minhas mãos. Pela carta fiquei a saber que o Reverendíssimo Padre foi escolhido como um dos que vêm a Portugal para ser Fundadores da Ordem de Nossa Senhora da Conceição, como um dos seus digníssimos filhos.

E como eu sou um dos principais procuradores que, com zelo, se empenham na referida fundação, tive grande alegria com esta carta que recebi no dia da Natividade de Nossa Senhora. Com esta carta, fui ao Secretário de Estado de Sua Real Majestade, solicitar os passaportes para o Reverendíssimo Padre e para os seus companheiros destinados a Portugal. Disse-me que, primeiro, é preciso conceder uma autorização para o convento onde vão viver mais do que o passaporte. Não sendo este necessário, a casa e a capela de Nossa Senhora já existem e também o aprovisionamento necessário desta propriedade, onde Nossa Senhora apareceu há mais de 200 anos. E todos anseiam por esta fundação, expressando o desejo de ver os legítimos filhos de Nossa Senhora neste reino, onde Sua Majestade consente alguns com hábito que não são filhos legítimos. Disto concluo que serão por todos muito venerados e honrados. Por isso mesmo, ousou pedir-lhe que venha, quanto antes, com os seus companheiros para Lisboa, para o palácio do Excelentíssimo Senhor Embaixador de Espanha, onde os esperarei, para assisti-los em tudo o que puder para maior glória de Deus e de Nossa Senhora, pela qual lhe peço que assumam, quanto antes, este difícil empreendimento, que é a mencionada fundação.

Confiando, pois, no seu zelo pela fundação de Nossa Senhora, peço-lhe que os ajude e que lhes dê uma feliz viagem para este Reino.

Atento às suas estimadíssimas ordens, sou de Vossa Reverendíssima o humilíssimo e mui devotado servo,

Doutor António de Sousa Salazar Teixeira.

Lisboa, 8 de Outubro de 1752¹⁴.

Frei Casimiro refere no seu *Diário*: “recebi uma notícia de Portugal, de um português desconhecido para mim, que nos convoca para Portugal da seguinte forma”¹⁵, apresentando, de seguida, a carta. Depois, não faz qualquer comentário, o que é estranho.

Só durante a viagem de Roma para Lisboa, em Cartagena, Espanha, no dia 2 de Agosto de 1753, é que responde a esta carta, dando-lhe algumas informações sobre a viagem e terminando com um pedido: “peço humildemente a Vossa Excelência que, de acordo com o prometido, queira ajudar-nos nas questões da fundação em honra da

¹⁴ Fiz a tradução do original italiano que se encontra in *Prot. Bals.*, 6-7 e in *PISMA O. KAZIMIERZA OD SW. JÓZEFA WESZYNSKIEGO*, Editores: Waclaw Makos MIC e Zygmunt Proczek MIC, Pucza Marianska 2002, p. 211-212. Ver também *Diário, o. c.*, 407.

¹⁵ *Diário, o. c.*, 406. “«Salazar» - é uma das famílias mais poderosas na Espanha. Tomou o nome do Vale de Salazar em Castela-a-Velha. Sob o reinado de D. João III (1521-1557), transferiu-se para Portugal por Ventura de Frias Salazar, do qual continuam os descendentes com este apelido. Cf. ARMORAL ILUSTRADO, *Genealogia e Heráldica*, Lisboa 1961, p. 485. A Terra natal de António de Sousa Salazar Teixeira era nas proximidades de Coimbra. Em 1722, qual «clérigo e escolástico de Lisboa», teve dispensa para regularizar o estado de ilegitimidade «ad Minores», subdiaconado, diaconado e presbiterado. Em 1725, diz dele: «António de Sousa Salazar, presbítero de Lisboa ocidental, renuncia a uma distinção remunerada, em Torres Novas». Em 1753, diz dele: «Advocatus Judicii Ulixbonensis.» (*Positio*, 235, nota 8).

Imaculada Virgem. Logo após a nossa chegada, gostaríamos de encontrar, um lugar pronto para a nossa Congregação Mariana”¹⁶.

De facto, parecia estar tudo preparado para a fundação dos Marianos em Portugal. Logo que chegaram os nossos missionários, Salazar manifestou-se muito satisfeito em acolhê-los em sua casa. Porém, no mesmo dia ou talvez no dia seguinte, tornou-se claro que o rei nada tinha a ver com o convite feito aos Marianos, e não estava interessado na fundação da Ordem no seu Reino¹⁷. Os nossos missionários sentiam-se enganados e perdidos. O projecto da convocação dos Marianos para Portugal nasceu apenas das ambições pessoais do Pe. Salazar. Eis como isso aconteceu:

No Monte Abóboda¹⁸, numa capela de Nossa Senhora da Conceição¹⁹, da paróquia de S. Domingos de Rana²⁰, a 18 km de Lisboa, tinha-se estabelecido, havia pouco tempo, uma espécie de Congregação da Imaculada Conceição (com a Regra e os Estatutos dos Marianos²¹), por livre iniciativa dos eremitas e sem a devida autorização e outras formalidades. Denominou-se seu fundador Frei João de Deus da Conceição²²,

¹⁶ *Diário*, 433. Já em Mértola (Portugal), Frei Casimiro escreve: “Frei Vigário informou-nos que, em Lisboa, há dois concepcionistas, mas parece que não estão bem da cabeça, ou seja, parecem meio loucos” (*Ibid.*, 443)

¹⁷ ANTÓNIO JÚLIO DE SÁ VARGAS, *Memória acerca de Balsamão*, typ. de Bragança 1859, 10-102.

¹⁸ Hoje, junto à Capela de Nossa Senhora da (do Monte) Abóboda (com uma construção contígua à mesma capela e uma horta), está tudo povoado, e a localidade chama-se, simplesmente, Abóboda.

¹⁹ Sobre a história da Ermida de N.ª S.ª da Conceição da Abobada, ver FERNANDO GOMES, *A Ermida de N.ª S.ª da Conceição da Abóbada (S. Domingos de Rana – Cascais)*, CASCAIS 1980. Sobre o que se refere a Frei Casimiro e aos Marianos, ver pp. 26-27 e 45-71).

²⁰ Há um ano (em 2004), foi criada a paróquia de N.ª S.ª da Conceição da Abóboda, com sede na antiga Capela.

²¹ Em carta ao Pe. Afonso Woydalski, de 4 de Agosto de 1755, já em Balsamão, Frei Casimiro escreve: “Aqui já se estava formando uma congregação sob o manto dos nossos Estatutos e Regra, mas extinguiu-se com a nossa chegada” (*Diário, o. c.*, 455).

²² O seu nome de batismo é João Ferreira de Sousa e Abreu. Nasceu a 17 de Julho de 1715, na Torre de Moncorvo, sendo filho de Manuel Ferreira de Andrade e de Madalena de Sousa e Abreu. Viveu no Brasil por algum tempo (1730-1736). De regresso a Lisboa, entra na Ordem Terceira de S. Francisco, e, depois de três anos, em 1740, parte para o Brasil novamente, onde reside, por dois anos, na cidade de S. Salvador da Baía e onde tenta, em vão, instituir uma congregação religiosa em honra da Imaculada Conceição. Em 1748, regressa a Portugal e tenta, em vão pela segunda vez, a instituição da congregação religiosa, perto de Évora. Em 1749, transfere-se para Lisboa, e, no convento das Religiosas descalças da Imaculada Conceição (Concepcionistas), em Carnide, veste-se a si mesmo e a um companheiro com hábito branco, tomando o nome de João de Deus da Conceição. Regressa de novo a Évora e, perto da igreja de S. Sebastião, congrega alguns aspirantes à vida religiosa. Brevemente, porém, o bispo de Évora o obrigará a abandonar a diocese. Chega ao conhecimento dos Religiosos da Imaculada Conceição da Polónia, das suas Constituições e da sua Regra, e, com base nelas, funda, em 1750, no Monte Abóboda, numa Igreja dedicada a Nossa Senhora da Conceição, uma comunidade, associando a si o Padre Salazar, “porque lhe diziam que era um homem muito devoto do Santíssimo mistério da Imaculada Conceição” (FREI JOÃO DE DEUS, *Manifesto*, LISBOA 1758, n.º 44. Tenho a cópia da transcrição desse *Manifesto* feita, ou mandada fazer, provavelmente por Pe. Boleslau Jakimowicz e revista por Pe. Baltasar Pires, Diocese de Bragança, tio do Pe. Basileu Pires, MIC, e amigo dos Marianos, em 1966. Esta cópia foi-me enviada da Cúria Geral dos Padres Marianos, Roma, em Novembro de 2005. O original é um manuscrito de 18 folhas, frente e verso, “escrito por obediência com toda a religioza e catholica verdade”, em Lisboa, com a data de 17 de Dezembro de 1758). Por mal-entendidos entre ele e Salazar, a comunidade destrói-se, e é assim que, em 1754, recebe o hábito dos Marianos das mãos do Servo de Deus, e acompanha-lo-á a Balsamão. Não consegue perseverar na vocação mariana, deixando a Congregação e regressando a Lisboa a 2 de Abril de 1758. Abraça, depois, a Ordem dos Mínimos de S. Francisco de Nola, mas também aqui fracassa como religioso. Não se sabe quando e onde morreu (Cf *Prot. Bals.*, 1-3; Cf *Memória*, 100-109. 125-126; Cf *Positio*, 242; Cf sobretudo o *Manifesto*, onde Frei João conta, depois da saída dos Marianos, a sua frustrada vocação de fundador de uma religião em honra da Imaculada Conceição, baseada em

o qual, tendo imposto a si mesmo o hábito, o lançou também aos companheiros²³. Dr. Salazar, que havia contribuído muito para que esta Congregação se estabelecesse, foi depois causa de desunião dos congregados, fazendo que eles não obedecessem a Frei João de Deus e prometendo-lhes que, em seu lugar, haveria de fazer vir a Portugal, para o monte Abóboda religiosos verdadeiros da Ordem da Polónia. Para o conseguir, dirigiu-se o Dr. Salazar, por mediação da Marquesa de Cascais, ao Embaixador espanhol em Lisboa (o Duque de Sotomayor), e, este, ao Superior Geral da Ordem dos Franciscanos, em Madrid, pedindo-lhe dois padres concepcionistas da Polónia, com o pretexto de que o rei estava disposto a admitir em Portugal a Ordem da Imaculada Conceição²⁴.

Sobre o assunto, assim escreve Frei Casimiro: “O Reverendíssimo Senhor Salazar comoveu, de facto, a Senhora Duquesa de Cascais para que interpusesse as suas influências junto da Embaixador de Espanha, para que escrevesse ao Reverendíssimo Ministro Geral da Ordem Seráfica, a fim de que mandasse vir para Portugal os nossos para a fundação. Por isso é que o Reverendíssimo, incitado por tão dignas influências, fez todas as diligências para chegar a nós, inferindo que a Senhora Marquesa de Cascais fosse a Fundadora, como assegurava a mesmo Embaixador, Duque de Sotomayor. Visto que o Dr. Salazar promovia tudo em nome da Duquesa de Cascais, o embaixador, reconhecendo verdadeiramente que esta família era tida em muita consideração em Portugal, nada duvidava do desenvolvimento dessa Fundação. E assim fez também o Reverendíssimo Geral, que, comovido por tais influências, nos dava a certeza sobre a referida Fundação”²⁵.

A astúcia do Dr. Salazar consistiu, pois, em fazer tudo em nome da Duquesa de Cascais, dando a ideia que ela é que era a fundadora. De facto, é assim que o Superior

pretensas aparições, atribuindo ao demónio o seu insucesso. Sobre as tentivas da fundação da uma Ordem da Imaculada Conceição em Portugal, seja por parte de Frei João de Deus da Conceição seja pelo Pe. Salazar, ver P. JOSÉ MANUEL MORAIS, *Ordens religiosas da Imaculada Conceição em Portugal nos séc. XVII e XVIII*, in *Acta Congressus Mariologici-mariani Internationalis in Republica Melitensi Anno 1983 celebrati (Extractum)*, Pontificia Academia Mariana Internationalis, ROMA, 1988).

²³ Frei João de Deus, ainda em Évora, adquiriu uma cópia dos Estatutos dos Marianos por intermédio de Frei Jerónimo de Belém, cronista da Província Franciscana (Cf *Manifesto*, n.º 38 e 39: «Ficando o companheiro em Évora, se resolveu Frei João a ir a Lisboa, o que com efeito fez procurando nos religiosos do Convento de Xabregas da Ordem seráfica o seu agasalho que com efeito achou com m.ta charidade (aqui os teve perto de dois meses). Comunicou os seus intentos com o M.Rdo P. Fr. Jeronimo de Belem cronista da mesma Província, o qual enviou hum Irmão donato em procura dos ditos estatutos que estavam na mão de Fr. Apolinario da Conceição Religioso da Província da Conceição do Rio de Jan.º, escritor publico e Autor do Claustro franciscano, em o qual dá notícia dos principios destas ordens e nelle dis tinha em sua mão os tais estatutos [...]. Remeteu logo Fr. Apolinario ao Padre Cronista os procurados estatutos que na Lingua Latina tinham sido impreços em Roma, de onde o dito Padre os tinha trazido»). Sobre como chegou ao conhecimento da Regra, diz-se: “acha em casa dos seus parentes [em Lisboa, onde está hospedado] a Regra que se guarda em Polónia de que falam os Estatutos, a qual nunca ele tinha visto em tempo algum” (*Manifesto*, n.º 42).

²⁴ *Memória.*, 103-104. Na viagem para Lisboa, em Mértola (Portugal), Frei Casimiro escreve: “Frei Vigário informou-nos que, em Lisboa, há dois concepcionistas, mas parece que não estão bem da cabeça, ou seja, parecem meio loucos” (*Diário*, 443)

²⁵ *Ibid.*, 104. O autor de *Memoria* não refere a fonte donde tirou este texto. Provavelmente do Caderno VI do *Diário* de Frei Casimiro, hoje desaparecido, a não ser o Cap. II, que foi transcrito para o *Prot. Bals.*, p.19-22. Sobre a identidade da Marquesa de Cascais, do Embaixador de Espanha e o Superior Geral dos Franciscanos ver ANDRADE LEMOS, *Da vinda de Frei Casimiro Wyszynski para Portugal e da instalação da Congregação dos Marianos da Imaculada Conceição em Portugal*, in MARIANOS DA IMACULADA CONCEIÇÃO. CELEBRAÇÃO JUBILAR dos 250 anos da Sua implantação em Portugal e dos 50 anos do seu regresso (Ed. Comemorativa), Ed. MIC, FÁTIMA 2004,p. 23.

Geral dos Franciscanos se refere a ela nas cartas de recomendação que envia ao Embaixador e a ela. Ao Embaixador, escreve: “Com a minha permissão, dirigem-se [Frei Casimiro e Frei Benão] para a Corte Real de Portugal com o propósito de conseguir uma fundação neste reino, que lhes foi prometida pela marquesa de Cascais”. À Duquesa de Cascais, diz: “Excelentíssima Senhora! Soube, através do Excelentíssimo Duque de Sotomayor, que a Excelentíssima Senhora está muito empenhada na fundação do convento dos Padres Concepcionistas nesse reino e dos esforços tomados com este propósito”²⁶.

Porém, nada disso foi assim. Esta empresa resultou da armadilha montada por Dr. Salazar, “dado que perceberam, como escreve P. Aleixo Fischer, que nem a Majestade nem dignitário algum queriam ouvir falar da nossa fundação, e, descoberta a armadilha, os Padres ficaram desesperados e aflitos, após haverem compreendido que, por causa do zelo pertinaz do Dr. Salazar, que queria a fundação junto do Monte Abóboda e não em outro lugar, e devido igualmente à solicitude imprudente e inoportuna das Majestades e de outras personalidades importantes, a vantagem da confusão era superior à da promoção. O companheiro, Pe. Benão, depois de sofrer por causa disso uma grave doença, regressou à Pátria [...]. O Pe. Casimiro, porém, confiando ainda na Divina Providência (: que talvez proporcionasse algum meio para reparar esta confusão da religião), já profundamente abalado também fisicamente, por causa da velhice e devido à falta de dinheiro para viagem tão arriscada, resolveu antes ficar, pronto para suportar todos os males e até a morte em favor do culto da Imaculada Conceição”²⁷.

As condições de vida em casa do Dr. Salazar, segundo a testemunha ocular, Pe. Benão, eram insuportáveis²⁸. De facto, era opinião de Salazar que Frei Casimiro devia passar por um “novo noviciado”, “suportando a provação da fome, da sede, da humilhação, da solidão, dos sarcasmos, e de todo o género de mortificação quase até à demência, uma vez que não se podia libertar das mãos de tão cruelíssimo Mestre nem sequer se atrevia a falar com alguém”.

O próprio Salazar o confessou a chorar depois da morte de Frei Casimiro: “Fi-lo mártir”. Por isso, quis fazer-se peregrino a Balsamão, “para implorar o seu castigo junto do seu túmulo”²⁹.

António da Silva e Sousa, que se encontrou com o Servo de Deus na viagem de Mértola para Beja, tornando-se seu benfeitor, socorrendo-o nas necessidades temporais por que passava, testemunha que “«lhe conhecerá a sua muita paciência em sofrer», particularmente as impertinências do patrão da casa onde ficou hospedado ao chegar a Lisboa, sem delas se queixar ou ficar escandalizado”³⁰.

João de Deus da Conceição, que havia tentado fundar a Congregação da Imaculada Conceição do Monte Abóboda, como referi acima, e que foi testemunha ocular do tratamento causado por Salazar ao Venerável Frei Casimiro, refere que foi Salazar apresentá-lo ao Rei e à Rainha, aos secretários e a outras pessoas da Corte, mas pondo-o a ridículo, e que foi ele a apresentá-lo ao Secretário de Estado, Diego de Mendonça, não hesitando em afirmar, enganosamente, que os Marianos tinham

²⁶ *Diário, o. c.*, 416.

²⁷ *Prot. Bals.*, 10.

²⁸ Cf *Positio*, 241.

²⁹ *Prot. Bals.*, 106.

³⁰ B. PIRES, *Frei Casimiro. Testemunhos daqueles que o conheceram*, Ed. MIC, FATIMA 2005 (2.ª Ed.), p. 28.

chegado a Portugal sem autorização do Rei, e que, portanto, ele deveria mandá-los embora³¹.

Muito pormenorizado é o depoimento de Frei João do Monte Policiano acerca dos maus tratos sofridos em casa de Salazar. Este, depois da sua morte, disse ao Ir. Policiano que “tinha feito muitas injúrias, opróbrios e vexames ao Pe. Venerável, só a fim de provar a sua virtude. [...]. E tantos foram os opróbrios e as injúrias que o dito Pe. Salazar fazia ao Pe. Venerável, que o seu companheiro, antes de regressar para a Polónia, lhe disse: «saíamos desta casa porque este homem parece um judeu». E o Pe. Venerável, com muita submissão e humildade, respondeu: «soframos com paciência». Quando o Pe. Salazar ia almoçar ou cear, chamava o Venerável para a mesa, e, estando este já sentado, dizia-lhe que se levantasse, mandando-o, depois, novamente sentar; e depois de sentado, dizia ao Venerável que era um soberbo, e que, sem virtude alguma, vinha fundar neste Reino a sua Religião, mandando-o imediatamente levantar, pôr de joelhos e beijar a terra, e que se pusesse novamente à mesa. A tudo o Venerável obedecia como se o Pe. Salazar fosse o seu Superior. Isto ouviu-o ele contar ao próprio Pe. Salazar, a quem o Pe. Venerável, estando já em Balsamão, louvava muitas vezes, tratando-o sempre por seu benfeitor, apesar das afrontas e injúrias que dele tinha recebido. Razão porque o mesmo Pe. Salazar lhe disse a ele, quando lhe deu a morte da notícia ao Pe. Venerável, que lhe fizera várias provas, e que era um homem de muita virtude”³².

Os nossos missionários passaram não menos de dois meses com o Dr. Salazar, seja na sua casa, no bairro do Rossio, em Lisboa, seja no ermitério do Monte Abóboda. Entretanto, o Pe. Benão Bujalski adoeceu porque o clima de Lisboa lhe era muito prejudicial, e estava em perigo de vida³³. Depois do dia de Natal de 1753, deixou Lisboa e partiu para a Polónia, como escreve Frei Casimiro: “26 de Dezembro. O meu companheiro partiu para a pátria, e, na verdade, também eu quis ir com ele, mas, reunidos em conselho, decidimos que eu ficasse, esperando que Deus havia de providenciar algum meio de reparar a nossa confusão, a nós causada por este homem [Salazar]; em segundo lugar, porque eu não seria capaz desta viagem tão difícil, devido à minha velhice e à debilidade das minhas forças, desprovido ainda de tudo para as despesas necessárias, e também porque o Dr. Salazar me detinha no seu Monte Abóboda ainda por mais tempo”³⁴.

Frei Casimiro ficou detido pelo Salazar até 19 de Março de 1754, data em que o Servo de Deus foi transferido para o Convento de S. Pedro de Alcântara, em Lisboa³⁵, por ordem expressa do Cardeal Tempì, Núncio Apostólico em Portugal, dada a 15 de Março de 1754³⁶.

³¹ Cf *Manifesto*, n.º 46.

³² B. PIRES, *Frei Casimiro*, 46-47.

³³ Cf *Diário*, o. c., 446.

³⁴ *Memória*, 102. Não é conhecida a fonte da qual o autor tirou este texto. Provavelmente da Caderno VI do *Diário* de Frei Casimiro, hoje desaparecido. Cf também Carta de Frei Casimiro ao Superior Geral, de 13 de Junho de 1754, já em Balsamão: *Diário*, o. c., 449.

³⁵ *Memória*, 106.

³⁶ *Prot. Bals.*, p. 12: “Pela presente mandamos ao R.º Pe. Casimiro Wyszynski da Congregação da Imacul.ª Conceição de N.ª Senhora do Reino da Polónia se recolha para o Convento de S. Pedro de Alcântara desta Cidade, e o R.º Pe. Guardiano do d.º Convento o aceitará e tratará com toda a benignidade, e caridade.

Lisboa no Palácio da Nunciatura apos.ca

Frei Casimiro foi subtraído ao poder de Salazar graças à intervenção de dois benfeitores e amigos: Salvador Marcelo de Figueiredo e Silva e António Joaquim de Oliveira Pires, os quais quiseram prover também ao seu sustento, pagando as despesas ao Guardião do Convento³⁷. Os dois amigos chegaram ao conhecimento das condições em que vivia Frei Casimiro sobretudo através do cunhado de António de Oliveira Pires, João Deus da Conceição, nosso conhecido³⁸. Frei Casimiro, em carta de 13 de Junho de 1754, já em Balsamão, fala ao Superior Geral desta libertação das mãos do Pe. Salazar: “Após a partida do padre Benão tive de abandonar o Padre Salazar porque não pude fazer nada com ele quanto ao desenvolvimento da nossa Ordem. Deus nosso Senhor deu-me protectores, que, à força e com firmeza, me arrancaram das mãos do padre Salazar e me abriram caminho para um melhor desenvolvimento da nossa Ordem”³⁹.

Seis dias depois da transferência para o Convento de Alcântara, a 25 de Março de 1754, Frei Casimiro dá o hábito Mariano a João de Deus da Conceição. Na mesma carta de 13 de Junho de 1754, escreve ele ao Superior Geral: “Vendo isso [o facto de Frei Casimiro ter sido libertado das mãos de Salazar], o fundador português da ordem, Frei João de Deus [refere-se à tentativa de fundação no Monte Abóboda], de boa vontade se juntou a mim. Ele é uma pessoa que provém duma família importante. No dia da Anunciação da Santíssima Virgem Maria, 25 de Março de 1754, vesti-o com o nosso hábito de acordo com as nossas cerimónias. Isto aconteceu perante pessoas dignas, na capela de seu cunhado, O Senhor Oliveira, cavaleiro de Santa Cruz”⁴⁰.

Durante a estadia no Convento, Frei Casimiro escreveu a biografia do Fundador: *Vita Venrabilis Servi Deus Patris Stanislai a Jesu Maria*⁴¹, a partir da qual foi composto o livro: *A vida do Servo de Deos, o Padre Estanislaao de Jesus Maria*, publicado em Lisboa, no ano de 1757.

Entretanto, Frei João de Deus, Salvador Marcelo de Figueiredo e Silva e outras pessoas continuavam a interessar-se pelo Frei Casimiro, empenhando-se por encontrar um lugar onde ele pudesse viver e fundar um convento dos Marianos. Frei João de Deus, sendo natural de Moncorvo, Diocese de Miranda, lembrou-se que perto da vila de Chacim havia um hospício onde habitavam algumas pessoas devotas, mas não eram professos. Pareceu-lhe que esse eremitério seria o lugar adequado para nele se recolher o Servo de Deus e aí fundar o convento dos Marianos. Apresentou o projecto ao Frei Casimiro, que aceitou, iniciando a dar os primeiros passos para conseguir esse lugar. Porém, não foi fácil de conseguir, pois a Ordem da Imaculada Conceição, fundada na Polónia, e os seus Estatutos eram uma novidade para todos, para o Bispo D. João da Cruz e, muito mais, para os Eremitas. Além disso, Freio Casimiro ainda não

L. Card.le Tempi
J.B. Barbieri Secr.”

³⁷ Cf B. PIRES, *Frei Casimiro*, 26, 29 e 41.

³⁸ Salvador Marcelo de Figueiredo e Silva refere que as providências tomadas para libertar Frei Casimiro das mãos do Dr. Salazar foram feitas depois de um pedido do mesmo: “Conversando comigo mais familiarmente, pediu-me que o acomodasse em qualquer lugar, ainda que mui pobremente, a fim de se puder apartar da companhia do Eclesiástico em cuja casa vivia, ocultando sempre os motivos que a isso o obrigavam. Condescendendo com a sua súplica, resolvi falar sobre este assunto com o Capitão António Joaquim de Oliveira Pais” (B. PIRES, *Frei Casimiro*, 26)

³⁹ *Diário, o. c.*, 449.

⁴⁰ *Idem.*

⁴¹ Cf B. PIRES, *Frei Casimiro*, 41.

falava português, e os eremitas não estavam muito dispostos a aceitar em Balsamão gente estranha⁴².

Mas as dificuldades foram pouco a pouco sendo vencidas. Frei Casimiro, ajudado por Frei João de Deus, escreveu ao Bispo de Miranda, prestando-lhe esclarecimentos acerca dos Estatutos dos Marianos e suplicando-lhe que o admitisse em Balsamão. Escreveu também uma carta aos eremitas.⁴³ Para remover os obstáculos muito concorreu o Pe. Oliveira, Jesuíta, irmão de António Joaquim de Oliveira Pires e parente de Frei João de Deus, que era particularmente amigo do Bispo de Miranda. À carta escrita por Frei Casimiro e por Frei João de Deus, o Bispo de Miranda, D. João da Cruz, respondeu, a 1 de Julho de 1754, dizendo que não respondeu logo a ela por se tratar de um assunto que exigia mais ponderação e por ser necessário informar-se sobre o novo Instituto e sobre as disposições do lugar, da vontade dos moradores e do Pároco de Chacim, tendo encarregado o Presidente do Convento de Balsamão de o fazer, respondendo-lhe este em carta que lhes envia juntamente com esta. Prometeu-lhe todo o apoio para a fundação, aconselhando-os, primeiro, a vir para Balsamão, onde os Irmãos os acolherão com muita caridade, para assim se darem a conhecer ao povo e aos Eremitas, que estão desejosos de se incorporar numa Congregação e poderão encontrar neles o que desejam⁴⁴.

Logo que o Presidente de Balsamão, Pe. Jerónimo da Santíssima Trindade, recebeu a comunicação da decisão do Bispo favorável à vinda de Frei Casimiro e do seu companheiro para Balsamão, escreveu uma carta ao Frei Casimiro, a 23 de Julho de 1754, manifestando-lhe a prontidão em aceitá-los, dizendo-lhes que não de descuidassem, pois os Trinos Descalços e os Agonizantes de S. Camilo pretendiam também esta fundação, e, concluindo, diz-lhes: “venhão logo, que eu estou com o coração e braços abertos para os aceitar”⁴⁵.

Sabemos que Frei Casimiro, além de ter estado no Convento de S. Pedro de Alcântara, por “alguns meses”⁴⁶, esteve também “alguns dias” na casa de Salvador Marcelo Figueiredo e Silva, em Lisboa, e, depois, na sua quinta da Fonte, no lugar de Canena (perto da Ermida de N. Senhora da Conceição da Abóbada), até à sua partida para Balsamão⁴⁷.

⁴² Cf *Memória*, 107-108. Eis como André Nunes de Castro escrevia de Chacim, a 23 de Julho de 1754, a Frei João de Deus, a respeito da admissão de Frei Casimiro no Convento de Balsamão: “Elles diziam que, sem primeiro saber de raiz quem eram Vossas Paternidades, não davão o sim, que escusavam viesse quem lhes comesse e gastasse o que tanto tinha custado a ajuntar. Eu tenho-os posto (aos Eremitas) que nem um veludo, e todas as mais dificuldades se hão-de hir vencendo” (*Ibid.*, 108).

⁴³ Cf *Prot. Bals.*, 13.

⁴⁴ Cf *Prot. Bals.*, 13-14.; *Memória*, 110-111; Cf *Positio*, 259-260. Na carta que o presidente de Balsamão dirigiu ao Bispo, de 22 de Junho de 1754, e que o Bispo envia, com a sua, ao Frei Casimiro, transparece a pouca disposição dos Eremitas em admitir entre eles os referidos religiosos sem conhecer os seus Estatutos e a sua utilidade. No entanto, estão dispostos a fazer o que Senhor Bispo determinar (Cf *Prot. Bals.*, 14; Cf *Positio*, 258)

⁴⁵ *Prot. Bals.*, 14; *Positio*, 261.

⁴⁶ Como nos testemunha o seu amigo António Joaquim de Oliveira Pires: B. PIRES, *Frei Casimiro*, 29.

⁴⁷ Como nos testemunha o seu amigo Salvador Marcelo de Figueiredo e Silva: “Padecendo, porém, de algumas moléstias, veio, com licença de Reverendíssimo Guardião, para minha casa, onde esteve alguns dias, e, daí para a minha quinta de Canena, onde viveu comigo até à sua partida para Balsamão” (B. PIRES, *Frei Casimiro*, 26). Não sabemos quanto tempo esteve o Servo de Deus na quinta do seu benfeitor, apenas sabemos que estava lá no dia 14 de Agosto de 1754, data em que faleceu a Rainha Mariana de Áustria (Cf MANOEL DE S. DAMASO, *Aprendiz [ad Epitome das indulgências Plenárias, e parciais, bênçãos, etc., Lisboa 1762] das Excellencias da Venerável Ordem Terceira da Penitência de Nosso Seráfico Padre S. Francisco, etc., Lisboa 1763*, p.104, citado na nota 77 da *Positio*, pp. 246-247)

2. Frei Casimiro em Balsamão: um homem feliz

Frei Casimiro e seu companheiro, Frei João de Deus, partem de Lisboa a 28 de Agosto de 1754 e chegam a Balsamão a 6 de Setembro de 1754, “onde foram recebidos o mais cordialmente que é possível, pelos Congregados, por todas as pessoas distintas de Chacim, e, de maneira especial, pelo cavaleiro da Ordem de Cristo, António Gomes Menna, do lugar de Morais”⁴⁸.

Depois de alguns dias de descanso, o venerável Frei Casimiro, acompanhado de Frei João de Deus e do Presidente (Superior) da Congregação de Balsamão, Pe. Jerónimo da Trindade, foi a Bragança, a fim de se apresentar ao Bispo, D. João da Cruz, que estava temporariamente naquela cidade. Pressupõe-se que tenham chegado a Bragança no dia 25 de Setembro de 1754, pois no dia seguinte, dia 26 de Setembro, Pe. Jerónimo da Trindade adoeceu e morreu inesperadamente⁴⁹. Adoeceu também gravemente Frei João de Deus e, ligeiramente, Frei Casimiro.

Ainda antes da chegada de Frei Casimiro a Balsamão, a 1 de Setembro de 1754,⁵⁰ os Congregados tinham apresentado ao Senhor Bispo a súplica para serem admitidos na Ordem da Imaculada Conceição dos Marianos, tendo o Bispo passado o rescrito necessário para a compilação do documento de autorização (o Alvará), a 10 de Setembro de 1754⁵¹.

⁴⁸ Cf *Memória*, 111. Sobre a saída de Lisboa, ver também *Prot. Bals.*, 15.

⁴⁹ Cf *Memória*., 112. Cf também *Diário, o. C.*, 451;

⁵⁰ Cf ANDRADE LEMOS, *Da vinda de Frei Casimiro Wyszynski para Portugal*, p. 44.

⁵¹ «Ex.mo e Rev.mo Senhor.

Para Alvará da Licença
para o que pedem riservando
o direito Parochial e salvo o direito do terceiro.

Bragança 10 de Sett.ro de 1754

J.B. mpp.

Dizem os Congregados de Nossa Senhora de Balsemão da Vila de Chacim deste Bispado que para maior perfeição do seu estado, e se empregarem com todo o esforço no serviço de Deos e da Virgem Senhora, bem e salvação das almas, que concorrem à quelle Santuário de várias partes a buscar nelle a sua consolação espiritual por meyo dos Santos Sacramentos, se desejam emcorporar na Sagrada Religiam da Conceição da mesma Senhora tomando o seu santo hábito das mãos do Muito R.P. Fr. Casimiro de S. José Wysinski Ex-Prepósito Geral da mesma Religiam, ficando este por seu Prelado Superior immediato a V.a Ex.a R.ma e gozando sempre os supplicantes, e todos os mais que quizerem abraçar o Santo Instituto dos Privilégios da dita Sagrada Religiam, e para constar da vontade dos supplicantes apresentam a V.a Ex.a R.ma o papel incluso, feito e assignado por todos em communitate precedendo os actos que em tal cazo se requerem como delle consta melhor consta, e porque a esta transmutação (de estado) convém não só a Villa de Chacim, mas (a) todos os povos circumvesinhos para sua consolação, e para poderem fazer.

Pedem a V.a Ex.a R.ma pela Puríssima Conceição da Virgem Senhora (Nossa) seja servido emclinar seus piedosos ouvidos a tam devota súplica, e conceder aos supplicantes por seu Alvará a Licença que pedem, como também a facultade de poderem ter no Sacrário da dita Igreja para sua consolação e bem dos fiéis o Santíssimo Sacramento, para cuja aççam têm os supplicantes todos os preparos necessários, com a decência que se requer.

E. R. M.ce.

(*Prot. Bals*, 16-17; *Memória*, 112-114)

Após o falecimento do Pe. Jerónimo da SS. Trindade, o Bispo entregou directamente ao Frei Casimiro o “Alvará de Incorporação”, com data de 1 de Outubro de 1754, documento de autorização aos requerentes de vestir o hábito, e, ao Superior, de aceitar aspirantes na Congregação e admiti-los à profissão religiosa, ficando contudo todos sujeitos à jurisdição do Ordinário do lugar. Por este documento, Frei Casimiro é constituído Superior da comunidade de Balsamão⁵². O “Alvará de Incorporação” é um documento de excepcional importância, já que é o Acto da Fundação da primeira comunidade Mariana em Portugal, levada a bom fim pelo Venerável Frei Casimiro.

“Do mesmo modo que abundam em nós os sofrimentos de Cristo, assim, por Cristo, abunda igualmente a nossa consolação”, diz S. Paulo (2Cor 1, 5). Esta palavra cumpriu-se perfeitamente em Frei Casimiro e na realização da sua missão em Portugal: a fundação dos Marianos.

Em duas telas existentes no convento de Balsamão, ele aparece, de facto, representado como aquele que “plantou” a Ordem Marianos (simbolizada numa planta que Frei Casimiro segura com a mão direita) em Portugal (num dos quadros, simbolizado num vaso com os sete castelos e as cinco chagas, encimados pela coroa da monarquia, da bandeira portuguesa, e, no outro, com os mesmos símbolos, onde a

52

“ALVARÁ DA INCORPORAÇÃO.

DOM FREY JOÃO DA CRUZ por Mercê de Deos, e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Miranda, e do Conselho da (Sua) Magestade Fidelíssima etc.

Attendendo ao que os Padres Supplicants Congregados no Hospício de Balsamão nos representarão em sua petição, e a que será útil e conveniente a este Bispado, que haja Religiosos que fação Missões, doutrinas e practicas espirituas, e administrem os Sacramentos de Penitência e Sagrada Eucharistia a todas as Pessoas que a elles concorrerem, sem prejuízo dos Direitos Parochiaes, concedemos Licença aos Supplicants para se incorporarem à Ordem e Religião das dez Virtudes da Imaculada Conceição da Beatíssima sempre Virgem Maria do Instituto Marianno Concepcionista estabelecido no Reino da Polónia, recebendo o hábito das mãos do Reverendo Padre Frei Casimiro Wisinski Ex-Prepósito Geral da dita Ordem, e observando os estatutos della, e para a dita Religião poderem aceitar sujeitos que acharem capazes para professarem e lançar-lhe(s) o hábito da dita Ordem, ficando sempre o dito Hospício sujeito a jurisdição ordinária deste Bispado, e da Nossa Protecção e sem prejuízo algum de terceiro. E outrossim lhe(s) concedemoz Licença que possuão ter Sacrário em que esteja o Santíssimo Sacramento na Igreja, e se ponha no altar mayor ou em outro se o houver mais decente e accomodado na mesma, e estará continuamente de dia e de noite a(o) menos huma lâmpada accesa diante delle para honra e glória do mesmo Senhor.

E para que conste lhes Mandamos passar a presente que se registará em Nossa Câmara no Livro do registo.

Dada em Bragança sob Nosso Sinal e Sello (das) Nossas Armas, em o primeiro de Outubro de 1754 e eu P. Secretário Isidoro Martins Franco a escrevi.

L + S

J. Bispo mpp.
Registado a folha 106 v.
Araújo mpp.

Licença que V.E.R.ma há por bem conceder aos Padres Congregados no Hospício de Balsamão para se encorporarem à Ordem de Religiam das dez Virtudes da Imaculada Conceição da sempre Virgem Maria Nossa Senhora do Instituto Marianno instituído no Reino da Polónia sem prejuízo dos Direitos Parochiaes etc.”

(Prot. Bals., 17-18; Memória, 114-115)

planta, que Frei Casimiro segura, com a mão esquerda, coloca as suas raízes). Foi assim que foi e é reconhecido pela comunidade mariana em Portugal.

Se, com a chegada a Lisboa e os maus tratos infligidos pelo Pe. António de Sousa Salazar fizeram esmorecer a esperança da fundação dos Marianos em Portugal, com a ajuda de diversos benfeitores, e sobretudo de Frei João de Deus da Conceição, e sobretudo com a vinda para Balsamão, a missão de Frei Casimiro foi um sucesso, um sucesso pascal, que teve de passar pela paixão e morte. É o próprio Frei Casimiro que o afirma, nas cartas que ele escreve, de Lisboa (já livre do Salazar) e, depois, de Balsamão, ao Superior Geral e ao irmão, na Polónia, e ao Pe. Afonso Woydalski, em Roma. Frei Casimiro é um homem feliz! Até já se esqueceu dos sofrimentos por que teve de passar, tal como a mulher que “depois de ter dado à luz o menino, já não se lembra da aflição, pelo prazer de ter vindo ao mundo um homem” (Jo 16, 21).

Senão, vejamos.

As dificuldades não faltaram, mas de todas elas Frei Casimiro saiu vitorioso. A primeira vitória foi sobre a fundação portuguesa já existente dos religiosos da Imaculada Conceição e do hábito que adoptaram: “Quando chegámos a Lisboa, escreve Frei Casimiro ao Superior Geral⁵³, tivemos, primeiramente, uma grande disputa quanto ao hábito. Antes de nós, formaram-se aqui os religiosos da Imaculada Conceição, que adoptaram um hábito branco e uma capa azul claro. Tendo-se travado a respeito disso uma grande disputa, conseguimos que todos reconhecessem que o hábito branco e a capa branca são os mais adequados.

“Na nossa rede caiu um peixe grande, porque o próprio fundador da nova ordem da Imaculada Conceição submeteu-se à minha autoridade e recebeu solenemente o nosso hábito [trata-se a João de Deus]. É também ele que me sustenta aqui, em Lisboa, porque é rico e de uma família influente”.

Na carta que Frei Casimiro escreve ao Pe. Afonso Woydalski, para Roma, esclarece que a comunidade dos religiosos da Imaculada Conceição que se estava formando em Lisboa era com base na Regra e nos estatutos dos Marianos⁵⁴: “Aqui já se estava formando uma comunidade sob o manto dos nossos Estatutos e da nossa Regra, mas extinguiu-se com a nossa chegada. Além do que, o seu fundador submeteu-se à minha jurisdição e recebeu o hábito das minhas mãos, tendo desistido do seu, que tinha inventado; agora está cooperando comigo”⁵⁵.

Esta vitória a respeito do hábito começa a ter repercussões na maneira de vestir a Imaculada Conceição: “Tomando o exemplo do nosso hábito branco, escreve Frei Casimiro, nas igrejas já começam a adornar as imagens da Virgem Imaculada com a capa branca e não azul. Durante a procissão pública do *Corpus Christi*, podia ser vista a imagem da Santíssima Virgem de branco, ao passo que antes as Suas imagens apareciam com mantos azuis”⁵⁶.

Na carta que escreve, de Lisboa, a seu irmão Miguel identifica as duas dificuldades da fundação e a vitória alcançada: “A dificuldade para a obtenção de uma

⁵³ Carta ao Superior Geral, Frei Caetano Wetycki, Lisboa 3 de Agosto de 1754, in *Diário, o. c.*, 446.

⁵⁴ Trata-se da comunidade formada por Frei João de Deus da Conceição, no Monte Abóboda, que, no dizer do mesmo Frei João de Deus, era constituída, por dois irmãos (além dele, de ordens menores) e um sacerdote. (*Manifesto*, n.º 45).

⁵⁵ *Diário*, 456.

⁵⁶ *Ib.*, 447. A luta pelo hábito branco, para exprimir a inocência da Imaculada Conceição, era algo que apaixonava Frei Casimiro (Cf *Diário, o. C.*, 324. 326. 338. 368). Foi também essa a luta que travou, em Roma, contra os Pseudomarianos do Pe. Turczynowicz, que usavam hábito cinzento (*Ibid.*, 299. 338).

fundação provém do facto de que aqueles que nos trouxeram para aqui procurarem atrair-nos para a sua fundação enquanto outros nos oferecem fundações melhores. Por isso tivemos de agradecer pela primeira e agora pensamos numa melhor⁵⁷. Outra dificuldade provém do facto de a congregação portuguesa ter querido ficar acima de nós, mas, graças a um milagre divino, passou para o nosso lado, de maneira que, tendo conquistado o seu fundador, que se juntou a nós, agora teremos mais facilidade em agir. Esperamos, em breve, obter a fundação. É mesmo difícil expressar por palavras como Deus conduz este caso de forma estranha, contra todas as previsões humanas”⁵⁸.

Já em Balsamão, em carta de 13 de Junho de 1755, Frei Casimiro fala ao Superior Geral do êxito da sua missão, do bom acolhimento da Congregação de Balsamão, aqui existente⁵⁹, e do extraordinário apoio do Senhor Bispo:

“Quando chegámos de Lisboa a esse lugar, fomos recebidos por esta congregação com muito amor. Eles são varões realmente perfeitos, juntamente com o padre presidente, porque é assim que chamam ao seu superior. Fomos ter com o Senhor Bispo que nessa altura estava a residir em Bragança. Recebeu-nos com muita cordialidade e autorizou, por um documento oficial, que toda a congregação recebesse o nosso hábito, Regra e Constituições”⁶⁰.

Os acontecimentos todos concorriam para que a fundação se apressasse, como foi, ainda em Bragança, a morte do Presidente da Congregação de Balsamão:

“Antes de os preparar para a recepção do hábito, o Padre presidente local, padre Jerónimo da Santíssima Trindade ficou gravemente doente. Estando consciente que a morte estava próxima, pediu o nosso hábito para morrer com ele. Tendo feito nas minhas mãos a profissão de acordo com a nossa Regra, com a autorização do bispo, reconfortado com todos os sacramentos, adormeceu no Senhor. Era, na verdade, um varão perfeito, cansado do trabalho, pois quase não saía do confessional. Para o substituir, o Senhor Bispo nomeou-me imediatamente presidente da comunidade. Assim, pois, toda a congregação recebeu das minhas mãos o nosso hábito, a nossa Regra e as nossas Constituições. Isto aconteceu com muita dignidade com a participação de um grande número de notáveis sacerdotes e leigos”⁶¹. A tomada de hábito, de quatro Irmãos e um de ordens menores, foi no dia 13 de Abril de 1755⁶².

⁵⁷ A primeira fundação que Frei Casimiro agradece é a do Pe. Salazar, de quem recebeu o convite para a fundação em Portugal. Mas a melhor e aquela que Frei João de Deus lhe oferece.

⁵⁸ *Diário*, 448.

⁵⁹ Era uma Terceira Ordem de S. Francisco, iniciada em 1731, com António Corcas, e com a sua erecção Jurídica em 1746 (Cf JOSÉ MORAIS E ANDRADE LEMOS, *Convento de Balsamão em 1834*, in *Actas do Congresso histórico dos 450 anos da fundação da diocese de Bragança-Miranda*, Bragança 1997, pp.239-242).

⁶⁰ *Diário*, 451. Esse documento oficial que autorizava os congregados de Balsamão a entrarem na Ordem dos Marianos era o “Alvará da Incorporação”, que referimos acima.

⁶¹ *Ib.*, 451.

⁶² “No dia 13 de Abril de 1755, por volta das 11 horas, recebi na Nossa Congregação os Irmãos acima referidos e vesti-lhes o hábito da Imaculada Conceição da Beatíssima Virgem Maria, a saber: o Irmão João de S. João Baptista, o Irmão Emanuel de Santa Ana, o Irmão Emanuel de Jesus Maria José, clérigo de ordens menores, o Ir. João de S. Pedro, o Irmão João de Santa Maria, os mesmos que, com este propósito, se subscreveram:

(Assinaturas)

Assim seja: Fr. Casimiro Wisiewski da Ordem da Imaculada Conceição da B.V.M., Ex-Superior Geral

Frei Casimiro afirma que esta fundação da Ordem em Balsamão foi um sucesso, foi um dom de Deus que lhe foi oferecido. Assim escreve ele ao Pe. Afonso Woydalski, que estava em Roma, com o objectivo de obter licença da Santa sé para os irmãos fazerem os votos em Balsamão:

“Só agora é que surge ocasião para escrever de Portugal ao Reverendo Padre e informá-lo sobre o nosso sucesso. Com a ajuda de Deus, recebemos em Portugal uma importante fundação, com um convento pronto, com igreja e religiosos, que estão cá desde há 20 anos e receberam do rei diversos privilégios. Estes, tendo já recebido o nosso hábito, desejam professar os votos. Por isso, peço encarecidamente a Vossa Reverendíssima que nos queira prestar um favor neste assunto”⁶³.

Perante este dom tão generoso da parte de Deus, Frei Casimiro pede ao Superior Geral que escreva uma carta à recém-fundada comunidade, agradecendo-lhe o terem entrado na Ordem Mariana:

“Escreva também, por favor, algumas palavras calorosas para esta congregação de Balsamão a agradecer por se terem unido a nós e terem aceitado a nossa Ordem. Para os animar, escreva que eu sou muito preciso na Polónia mas que, por amor a eles, a nossa Congregação não tem pena de me deixar aqui, contanto que a honra de Nossa Senhora se propague através da Sua Ordem”⁶⁴.

O entusiasmo de Frei Casimiro é grande, e grande a esperança de desenvolvimento para a Ordem:

“Vêm a nós muitos [candidatos]. Em breve esperamos receber uma nova fundação em Espanha. Nestes dias aguardamos o fundador, que é cavaleiro da cruz do exército e não pensa só dar-nos a fundação mas também quer ele próprio receber o nosso hábito”⁶⁵.

Escreve noutra ocasião:

“Temos esperança de que a nossa Ordem, depois de fazer profissão, para honra de Nossa Senhora, em breve se estenderá por todo o Portugal e pela Espanha”⁶⁶.

Frei Casimiro é um homem feliz em Balsamão, pois está num lugar maravilhoso. Além disso, a Congregação, ele próprio e o Fundador dos Marianos gozam de bom nome:

“Eis que entre estas montanhas, se encontra um monte especial, rodeado por dois rios que o separam de outros montes. As montanhas a envolvem, como diz o Salmo 124. Este lugar é tão maravilhoso que não vi igual em Portugal!

“[.]. Diversos religiosos nos invejam este lugar, e outros dão-nos os parabéns porque, de uma forma admirável, Deus Nosso Senhor o guardou para nós”⁶⁷.

Presidente do Convento de Balsamão” (*Prot. Bals.*, 21)

⁶³ *Diário*, 455.

⁶⁴ *Ib.*, 454.

⁶⁵ *Ib.*, 451.

⁶⁶ *Ib.*, 456.

⁶⁷ De facto, os Trinitários descalços e os Agonizantes de S. Camilo já tinham manifestado grande interesse nesta fundação, mas não lhe tinha sido concedida. Porém, ao Frei Casimiro e Ordem da Imaculada Conceição abriram-se as portas de par em par (Cf Carta de Pe. Jerónimo da Santíssima Trindade ao Servo de Deus, de 23 de Julho de 1754, in *Prot. Bals.*, p. 14; Cf também *Positio*, p. 260-261).

“O Senhor Bispo gostou tanto da nossa Ordem que, apesar das outras ordens terem um forte apoio, a todas recusou e mandou que fosse aceite o nosso Instituto. E ele tem-me em tanta consideração que, se não fosse o obstáculo da difícil língua portuguesa, me designaria para o cargo de examinador do clero diocesano. Muitas pessoas dignas olham para mim com respeito, porque, quando estou com o bispo, ele já não conversa com ninguém a não ser comigo. Encomendo-o às santas orações da nossa Congregação, porque, graças a ele, a nossa Ordem pode desenvolver-se muito. É muito respeitado pelo rei cujo irmão é bispo no Brasil. Se um dia conseguirmos ir para lá, isso nos trará grande proveito.

“Eu aqui, graças a Deus, estou com saúde e não me falta nada porque não só aqui como também em Lisboa tenho grandes benfeitores que ajudam muito a nossa Ordem.

“O nosso Venerável Padre Fundador, continua o Frei Casimiro, goza em Lisboa da fama de grande santidade, porque duas pessoas, cujas vidas estavam em perigo, dirigiam-se a ele pedindo-lhe ajuda e voltaram a ter saúde. Um deles é um grande alto dignitário franciscano que outrora foi guardião em Jerusalém. Curado após se ter oferecido ao nosso santo Pai Estanislau, por gratidão, está a traduz a sua biografia para português. Em breve, tomará as devidas diligências para a imprimir, dedicando-a ao rei”⁶⁸.

O êxito dos inícios da primeira comunidade dos Marianos em Balsamão não leva o Frei Casimiro a esquecer-se do futuro dessa comunidade e da sua ligação com a comunidade mãe, na Polónia. Por isso pede reforços:

“Tenho a idade que tenho e não conhecendo o dia nem a hora [da partida para o Pai], peço que alguém dos jovens venha fazer-me companhia, desde que seja uma pessoa de boas qualidades. Trata-se de poder ser preservada a unidade da nossa Congregação”, “para que a Congregação portuguesa não se separe de nós depois da minha morte pelo facto de não ter contacto com a Polónia”⁶⁹.

Agora podeis deixar morrer o vosso servo em paz

A febre da malária, doença contraída em Roma pelo Frei Casimiro, manifestou-se mais claramente no dia 19 de Setembro de 1755, e, no espaço de 31 dias, levou-o à morte. Mas Frei Casimiro morreu como viveu: santamente e feliz. Tinha a consciência de ter cumprido a sua missão: implantar os Marianos em Portugal. Podia morrer em paz. De facto, depois de lhe serem administrados aos sacramentos da Reconciliação, da Eucaristia e da Unção dos Enfermos, disse: “Nada mais me falta; bendito seja Deus”⁷⁰. Como Simeão, podia exclaimar: “Agora podeis deixar partir o vosso servo em paz, porque os meus olhos viram a fundação do a Ordem dos Marianos em Portugal” (Cf Lc 2, 29-30).

Aos noviços, reunidos à volta da cama, dá-lhes a bênção e exorta-os à perseverança e ao cumprimento da Regra, e, vendo-os aflitos, diz-lhes: “Não choreis – a santíssima Virgem é a vossa fundadora, e eu, quando deixar este corpo e a minha

⁶⁸ *Diário*, 452.

⁶⁹ *Ib.*, 453 e 456.

⁷⁰ Cf B. PIRES, *Frei Casimiro*, 37.

alma for levada para Deus, como, por misericórdia de Deus e pelos méritos do meu Salvador, espero, então vos serei mais útil”⁷¹. E repetindo as palavras “Bendito seja Deus!”, exalava o último suspiro e adormecia serenamente e feliz no Senhor. Eram 3 horas da manhã, do dia 21 de Outubro de 1755⁷².

Ele era o servo fiel que esperava o seu Senhor. O seu Senhor chegou. Como ele será feliz! (cf. *Lc 12, 37.43*).

3. Desafios que nos lança a celebração do Dia de Frei Casimiro, hoje, em Portugal

Desde que os Marianos regressaram a Balsamão, em 1954, celebra-se, ano após ano, este dia, o dia da morte de Frei Casimiro para este mundo e da sua partida para o Pai. Chamamos-lhe “O Dia de Frei Casimiro”. O Dia de Frei Casimiro é a celebração da sua Páscoa, passagem deste mundo para o Pai. Fazemos memória da sua morte e “ressurreição” porque acreditamos que viveu santamente e vive, agora, para sempre junto do Senhor.

Que desafios nos lança esta celebração?

Em primeiro lugar, fazer memória de Frei Casimiro é tornar presente o belo testemunho que nos deixou da vocação religiosa mariana. É o que estamos a fazer neste dia de reflexão.

A vida de Frei Casimiro é para nós o testemunho de um sonho realizado, de uma missão cumprida: “Nada mais me falta; bendito seja Deus!”, diz ele antes de partir para o Pai. Por isso, é o testemunho de um homem feliz, plenamente realizado! É o testemunho de uma vida toda consagrada a Deus, à Imaculada Conceição e à Sua Ordem. É o testemunho de um missionário apaixonado pela sua vocação e pela sua Congregação, que a vive com autenticidade, que a defende de adulterações e que difunde até aos confins da terra, com todas as suas forças (É o testemunho de um excelente animador vocacional!). É, finalmente, um testemunho de quem acreditou na força do mistério pascal, vencendo sempre o mal com o bem, encarnando em si próprio as bem-aventuranças.

Foi pouco o tempo que ele esteve em Portugal (pouco mais de 2 anos, em Lisboa e Balsamão), mas foi um tempo em que a sua vida teve grande densidade evangélica, a densidade das bem-aventuranças, que tocou profundamente aqueles que com ele conviveram e chega até nós, hoje, com a novidade própria do Evangelho. Penso que os dois textos bíblicos, juntamente com o das bem-aventuranças, que mais se aproximam do testemunho de Frei Casimiro, aqui em Portugal, são os seguintes: “Aprendeí de Mim que sou manso e humilde de coração” (*Mt 11, 29*) e “Como eleitos de Deus, santos e predilectos, revesti-vos de entranhas de misericórdia, de benignidade, humilde, mansidão e paciência, suportando-vos uns aos outros, perdendo-vos mutuamente, se alguém tiver razão de queixa contra o outro. Como o Senhor vos perdoou, assim deveis perdoar também vós” (*Col 3, 12-13*).

Já apresentei acima alguns testemunhos acerca da paciência em sofrer as afrontas do Pe. Salazar. Gostaria de apresentar mais alguns, onde se realçam sobretudo estas virtudes referidas por S. Paulo, tão necessárias no nosso dia a dia: a humildade, a mansidão, a paciência e outras. Far-nos-á bem ouvir.

⁷¹ *Prot. Bals.*, 112; B. PIRES, *Frei Casimiro*, 21.

⁷² Cf B. PIRES, *Frei Casimiro*, 21; Cf *PIM*, 23v.

O Pe. Frei Gonçalo do Rosário – religioso franciscano, do Convento de S. Francisco, em Lisboa, e confessor –, tendo conhecido o Frei Casimiro “por se ter relacionado com ele” e por o Frei Casimiro “se ter confessado a ele”, testemunha que “na confissão conheceu a sua profunda humildade”, e sabia que “exercitava esta virtude em grau superior, como também a da mansidão, por lhe conhecer um génio muito sincero e columbino. Porém, que das mais virtudes, ainda que ele, testemunha, o supunha perfeito em todas pelo facto de o ser na da humildade, com fundamento não pode dizer coisa alguma”⁷³.

O Pe. Rafael de Buffa, mariano, refere que Frei Casimiro praticava, em grau heróico, todas as virtudes cristãs, principalmente as da modéstia, humildade e oração⁷⁴.

Salvador Marcelo de Figueiredo e Silva – um dos seus benfeitores, que o libertou das mãos de Salazar e o acolheu algum na sua casa de Lisboa e na sua quinta de Canena, antes de partir para Balsamão – afirma: “Nesta minha quinta onde vivemos, observei sempre no Venerável Padre o exercício de muitas virtudes, principalmente a da rara prudência, do continuo recolhimento, das moderadas palavras, da abstinência e da oração contínua, e, finalmente, ocupando todo o tempo em louváveis exercícios, dando a todos raro exemplo com a sua vida religiosa e costumes, sem nunca me ter molestado em coisa alguma”⁷⁵.

António da Silva e Sousa – benfeitor que encontrou Frei Casimiro a caminho de Beja, e lhe prestou todo o auxílio para chegar a Lisboa – disse que ele presenciara muitas vezes, “a sua grande e suma humildade evangélica e pobreza. [...] E, também, lhe conheceu a sua muita paciência em sofrer”, particularmente as impertinências do patrão da casa onde ficou hospedado ao chegar a Lisboa, sem delas se queixar ou ficar escandalizado⁷⁶.

Pedro António Branco, de Lisboa, constatou que todos o tinham “por perfeito religioso, de procedimento exemplar e grandes virtudes”. Desde o tempo em que o conheceu e se relacionou com ele, teve, também essa opinião de Frei Casimiro. Por se relacionar com ele, “sabe que o dito Servo de Deus vivia em grau superior e não comum as virtudes da humildade, abstinência, oração e mansidão de espírito”. Sabe, ainda, que “o dito Padre tinha o Dom do Conselho, pois todos os que recorriam a ele, aconselhava maduramente e consolava nas suas aflições”⁷⁷.

O Pe. Domingos Leitão, de Lisboa, “disse, por ter presenciado, que Frei Casimiro vivia a virtude da humildade em grau superior, a virtude da paciência, sofrendo todas as mortificações infligidas por António de Sousa Salazar e não se queixando de coisa alguma, a virtude da perseverança, ao persistir na fundação da Congregação em Portugal, perante tantas dificuldades”⁷⁸.

Bonifácio Antunes, de Cacém (perto de Lisboa), testemunha que o Frei Casimiro “era muito humilde e de génio muito manso”⁷⁹.

Pe. João de S. João Baptista, da comunidade de Balsamão, “afirmou que, durante o tempo em que conviveu com o Venerável, sempre o vira observar as

⁷³ PIM, 275f-276f.

⁷⁴ Cf B. PIRES, *Frei Casimiro*, 24.

⁷⁵ *Ibid.*, 26.

⁷⁶ *Ibid.*, 28.

⁷⁷ *Ibid.*, 30.

⁷⁸ *Ibid.*, 31.

⁷⁹ PIM, 289f.

virtudes católicas e cristãs, especialmente a da mortificação e a da conformidade com a vontade de Deus. Assistiu pessoalmente à sua agonia e aí observou, mais uma vez, a tal referida conformidade que já antes praticava. Também observou nele a virtude de uma grande humildade e invencível paciência, seja em relação com os congregados, seja com as muitas pessoas que ocorriam ao Santuário de Balsamão. Observava estas virtudes em grau heróico, com fervor e muita devoção, para glória de Deus e edificação dos congregados”

Desde que o Frei Casimiro viveu em Balsamão, testemunha o Pe. João, “foi sempre muito modesto e amante da castidade”, e “era muito temperado no comer e beber”.

Disse, também, que sabia, “por ter presenciado”, que Frei Casimiro “tratava a todos com muita brandura e afabilidade, sem dar sinal de impaciência naquelas coisas que via nos congregados menos bem ordenadas, usando de muita brandura nas repreensões que lhes dava”.

O mesmo diz que, “logo depois da morte do Venerável se divulgara pelos lugares circunvizinhos a fama da sua santidade, dizendo, uns, que em Balsamão morrera um bom religioso, e, outros, que morrera um religioso santo”⁸⁰.

Ir. João de Santa Maria, da comunidade de Balsamão, testemunha, “por ter presenciado”, que Frei Casimiro era dotado de virtudes cristãs exemplares, principalmente da virtude da mortificação, do silêncio, da humildade e da conformidade da vontade de Deus.

Ir. João testemunha que Frei Casimiro se preparava demoradamente para a celebração da missa, e que, às vezes, disse ele ao Frei João, “se preparava para celebrar como se fosse para morrer”.

Disse, também, que instruía, com muita caridade, os congregados e os repreendia com suavidade. O mesmo testemunha, por ter presenciado, que “o Pe. Venerável era muito afável para com todos, e a ninguém escandalizava com as suas palavras”⁸¹.

Frei Policiano testemunha que “o Venerável era tão brando e afável que não só não ofendia pessoa alguma”, mas “respondia com muita mansidão e brandura” a quem o injuriava, sem que se desse por ofendido⁸².

O mesmo testemunha Bernardo Fernandes, trabalhador da casa de Balsamão: Frei Casimiro “era muito caritativo, não só com os demais congregados, mas também com os criados da casa e as pessoas de fora, tratando a todos com muita brandura e afabilidade”⁸³.

No *Elogio fúnebre*, diz-se que pela sua “cândida e inocente índole”, o Venerável Casimiro, “atraía a si as aves do céu, que entravam, espontaneamente sem medo no seu quarto, e o tratavam com familiaridade até um sinal seu, sem o qual não saíam da sua cela”⁸⁴.

E depois da sua morte, muitos testemunhavam: morreu “um homem santo em Balsamão”⁸⁵.

⁸⁰ Cf B. PIRES, *Freio Casimiro*, 32-38.

⁸¹ Cf *Ibid.*, 39-42.

⁸² Cf *Ibid.*, 48.

⁸³ *Ibid.*, 52.

⁸⁴ *Ibid.*, 22.

⁸⁵ *Ibid.*, 58.

O primeiro desafio que nos lança esta celebração jubilar do “Dia de Frei Casimiro” é, pois, sermos os herdeiros deste testemunho de santidade que ele nos deixou, exalando o “bom perfume” de Cristo e de Maria que ele exalava, sinal daquele perfume que, depois da sua morte, durante alguns, se sentia junto do quarto e do túmulo de Frei Casimiro⁸⁶.

Em segundo lugar, fazer memória do Venerável Frei Casimiro, nesta celebração do 250.º Aniversário da sua morte, para nós que proclamamos o seu testemunho de santidade, significa, no meu entender, levar a sério as palavras que nos disse antes da sua partida para o Pai. Poderíamos considerá-las parte do seu testamento espiritual:

“... e eu, quando deixar este corpo e a minha alma for levada para Deus, como, por misericórdia de Deus e pelos méritos do meu Salvador, espero, então vos serei mais útil”⁸⁷.

Estas palavras são um convite a confiarmos na sua intercessão junto do Pai.

Quando estiver no Pai, “então, vos serei mais útil”: foi a promessa de Frei Casimiro na hora da partida. Este “então” é agora, ou melhor, desde que ele partiu para o Pai até hoje. Gerações e gerações, desde a sua morte até hoje, acreditaram nesta promessa e têm recorrido confiadamente à intercessão de Frei Casimiro junto do Pai. Prova disso são as centenas de depoimentos sobre as graças e milagres atribuídos à sua intercessão. Esta confiança continua viva.

Gostaria, porém, de referir o seguinte: as palavras de Frei Casimiro: “então, vos serei mais útil”, foram dirigidas precisamente aos noviços marianos, os primeiros membros da comunidade dos Marianos em Portugal. Depreende-se claramente que a ajuda “mais útil” prometida por Frei Casimiro, junto do Pai, aos primeiros marianos portugueses – cuja esperança estava abalada, depois daquele promissor alvorecer – era a do desenvolvimento da Congregação que estava a dar os primeiros passos e ficava sem aquele que lhe deu origem.

Sabemos que a Ordem da Imaculada Conceição teve, em Portugal, até à expulsão das ordens religiosas do país, um desenvolvimento considerável, com a fundação de mais duas comunidades, em Lisboa e Algozo, e a tentativa de uma outra, em Cedovim.

Com o regresso dos Marianos, em 1954, iniciou-se uma nova etapa. Depois de 50 anos desta nova etapa, somos apenas 6 membros portugueses, apenas mais um dos que recebeu o Frei Casimiro no noviciado e aos quais prometeu: quando estiver no Pai vos serei mais útil.

Acreditamos nós, hoje (os marianos portugueses), nesta promessa de ele nos “ser mais útil” junto do Pai, para que a comunidade mariana se desenvolva em Portugal? Por outras palavras, o desafio que Frei Casimiro nos lança é o de acreditarmos nas suas palavras e recorrermos confiadamente à sua intercessão na pastoral vocacional. Fazemo-lo? De facto, ele é considerado, e com razão, o primeiro animador vocacional na nossa Congregação⁸⁸. E junto do Pai, ele quer continuar esta missão que na terra viveu com tanto empenho. Proporcionemos-lhe essa alegria!

⁸⁶ *Ibid.*, 38. 50. 52.

⁸⁷ *Prot. Bals.*, 112.

⁸⁸ Cf Carta do Pe. Donald Petraitis, Superior Geral, a toda a Congregação, em 1989, por ocasião da Solenidade da Imaculada Conceição.